

A TRILHA DE AGOSTO

Mauro Santayana

CORREIO BRAZILIENSE



O governo, que já vinha vagando entre as dunas da contradição, como os anjos de asas cortadas da mitologia persa, capenga, agora, cego e embriagado, pela trilha de agosto. Abril pode ser o mais cruel dos meses no Hemisfério Norte, como nos adverte o verso de T.S. Eliot, mas entre nós, abaixo do equador, e na linha do corte cósmico da eclíptica, é agosto o mês dos demônios. Principalmente dos demônios políticos.

Deveria o sr. Fernando Henrique ter conhecido o velho Bias Fortes e com ele ter convivido, por pouco que fosse. Quando a ele foi apresentado, em seu exílio de Cruz das Almas, Georges Bernanos nele viu um "aldeão da Mantiqueira". Bias, que — conforme confessava — dormia no chão, para não cair da cama, disse certa vez que "governar é não inventar muita moda". O sr. Fernando Henrique é um homem que gosta de estar na moda. E na moda, todos sabemos, é alguma coisa que vem e vai. Agora, por exemplo, estamos no retorno ao casaco-jaquetão e ao paletó de três botões e lapela alta. E o neoliberalismo, tão impetuoso entre nós, começa a ser coisa velha, até mesmo no país que o inventou e que dele mais se beneficiou. Como sabemos, a moda chega depressa ao Brasil, mas custa um pouco mais a sair dele.

De repente o governo se vê, nesta terceira semana de agosto, diante da pedreira e do despenhadeiro. Tendo vinculado o destino do Brasil aos ventos da Patagônia, o sr. Fernando Henrique leva o seu susto com os acontecimentos do Prata. Em tempos velhos, quando o alto preço do café nos permitia tais desvarios, dizia-se, em São Paulo, que nada era mais caro do que amante argentina. E quanto nos custará acompanhar os passos da *milonga* portenha? Todos os observadores concordam em que o país de Rosas e de Urquiza, de Mitre e Roca, se encontra, mais uma vez, no vestibulo da convulsão social. Nada pôde definir melhor a insensibilidade de seus *senhoritos* do que a declaração do ministro da Fazenda, Roque Fernandez, de que não podia viver com menos de US\$ 15 mil ao mês — enquanto o desemprego continua crescente, e a fome, insólita em terras tão férteis, já presta os seus serviços à morte. Conosco a coisa não é muito melhor. O fechamento de grandes indústrias de São Paulo, como a tradicional Vicunha, mostra que o Mercosul, pelo menos na desgraça, já é um fato consumado.

Pois bem, na loucura da enxadrilha que pensa poder vencer o jogo com dois peões, o presidente Fernando Henrique dá o seu aval à liberação das taxas dos serviços bancários, enquanto o seu governo se coloca no combate, quase histérico, contra uma CPI que investigue o sistema financeiro nacional, e insiste na privatização dos bancos estatais que — se não houver reação dos que podem reagir — terminará na privatização do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal, compromisso que alguém assumiu, em nosso nome, com Washington e seus subúrbios. O fato é que os bancos privados não têm do que se queixar. O Unibanco, depois de devolver ao

Banco Central mais de US\$ 300 milhões de créditos podres do Nacional, confessa, segundo os jornais, uma rentabilidade de US\$ 2 bilhões, correspondentes a 12,77% do seu ativo líquido, e o Bradesco exibe uma proporção ainda maior: 17,19% de rentabilidade sobre a mesma referência.

O sr. Antonio Kandir, em entrevista à Rede Bandeirantes, ousou dizer-nos uma mentira, quando, em se tratando de outros assuntos, sempre foi de extrema franqueza. Disse Kandir, com a face mais tranqüila e sorridente, que o erro do governo está em não saber comunicar os seus êxitos — e que não há desemprego no país. O governo também continua insistindo em que o importante é a versão, e

não os fatos. E nos vai empurrando as suas versões, sempre com a ajuda do embaixador Sérgio Amaral, que nos diz uma coisa com as palavras e outra com a entonação da voz; uma coisa com as frases, e outra com os olhos vagamente perdidos em seus próprios devaneios.

Em carta ao *Jornal do Brasil* (as cartas dos leitores são hoje o melhor espaço crítico da imprensa brasileira), o sr. Eduardo Varela, de Niterói, descobre a quadratura do círculo. Diz o sr. Varela que os jornais registram, com estardalhaço, "que o consumo de produtos habitualmente comprados pelas classes mais pobres subiu nos últimos meses. Tem-se, assim, a impressão que o poder aquisitivo aumentou nesse segmento so-

cial. Entretanto, nada li sobre a migração dos hábitos da classe média em direção a produtos e preços menores". A perspicácia do leitor não pede comentários.

E como não podemos esquecer os ritos eleitorais, andemos por São Paulo, vejamos o que andam fazendo o sr. Sérgio Motta e outros antigos sacristãos da Ação Popular. São duas vezes apóstatas: não só abjuraram de suas crenças políticas, como abandonam agora a ortodoxia católica, seduzidos pelos cânones tolerantes do bispo Macedo, para os quais o pecado está em não dar e em não receber.

Evidentemente que há sempre uma divisão de tarefas: a uns cabe dar, e, a outros, receber. O acordo que (sempre conforme as versões correntes) o ministro Sérgio Motta fez com o espertíssimo bispo não devia espantar ninguém. Os conselheiros do sr. Fernando Henrique já o haviam comprometido com o pastor Macedo, desde a campanha eleitoral de 1994. Quem não se recorda do grande espetáculo que o chefe da Igreja Universal deu, em estranha profanação do templo da Pátria — o monumento aos nossos mortos na Segunda Guerra Mundial — no Rio de Janeiro, contra a candidatura de Lula?

O sr. Macedo é, hoje, o mais importante quadro das forças reacionárias do Brasil. Ao optar por seu apoio, o sr. José Serra despreza a maioria católica de São Paulo. O povo brasileiro, seria bom que o sr. Serra perguntasse aos mais velhos, não gosta que convoquem Deus como cabo eleitoral. A famosa Liga Eleitoral Católica, ainda que chefiada por homens de inigualável estatura, como foi Alceu Amoroso Lima, deu com os burros n'água, ao vetar candidatos, como vetou o sr. Café Filho (no que, talvez, tivesse toda a razão, dados os fatos posteriores), quando candidato a vice-presidente da República nas eleições de 1950.

No caso presente, os senhores Serra e Motta cometem dupla ofensa: à necessária separação entre o eterno e o temporal, e aos católicos, que assistiram, e não há muito tempo, a imagem de Nossa Senhora Aparecida sendo chutada por alguém que tinha sobrenome alemão.

É difícil saber, quando se examinam os fatos de cada semana, o que vem sendo pior na condução do processo governamental: se os erros administrativos de fundo, se a ação política propriamente dita. Ainda que sob o látigo das evidências, o governo continua flutuando no Mar de Sargãos, ou seja, nas vizinhanças do Triângulo das Bermudas, como se navegasse nas águas altas e calmas do Titicaca em primavera andina. A dívida externa nunca foi tão assustadora; o déficit interno acumulado bate os recordes históricos, a lepra e a tuberculose retornam a galope, e a criminalidade urbana convoca a fúria fascista de alguns "formadores de opinião" sobretudo em emissoras de São Paulo.

Enquanto isso, agosto vai desfiançando os seus dias, à espera de setembro, de outubro, de novembro.

■ Mauro Santayana é jornalista